

OFICINAS CIDADANIA E JUSTIÇA AMBIENTAL: TECENDO UMA RELAÇÃO ENTRE PESQUISA E EXTENSÃO¹

Andréa Zhouri (Professora Associada do departamento de Sociologia e Antropologia da FAFICH/ UFMG e coordenadora do GESTA);

Luana Dias Motta (Aluna do curso de Ciências Sociais da UFMG e bolsista IC da FAPEMIG e integrante do GESTA);

Rodrigo Madureira (Aluno do Curso de Geografia da UFMG e integrante do GESTA)

Resumo

Desde 2007 o Gesta/UFMG (Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais) desenvolve a pesquisa *Mapa dos Conflitos Ambientais no Estado de Minas Gerais* com o objetivo de identificar, classificar e analisar casos de conflito ambiental. Além da pesquisa documental no Ministério Público e órgãos ambientais e entrevistas com atores envolvidos nos conflitos ambientais, estão sendo realizadas oficinas nas 12 mesorregiões do estado com movimentos sociais, entidades e comunidades, configurando-se, assim, uma interface entre pesquisa e extensão. Nestas procuramos oferecer instrumentos e subsídios para ampliar a participação nas esferas de decisão da política ambiental e fundiária do estado, apontando os momentos e etapas importantes da instalação de empreendimentos geradores de grandes impactos sociais e ambientais. Especificamente sobre o licenciamento ambiental, refletimos criticamente a respeito de suas falhas e obstáculos impostos às comunidades no acesso e compreensão da linguagem técnica e da lógica burocrática, que visam inibir ou excluir a participação efetiva de determinados grupos sociais (comunidades tradicionais, assentados e acampados rurais, moradores de favelas, pequenos agricultores, associações comunitárias). Almejamos, também, que as oficinas continuem sendo espaço de encontro e troca entre os movimentos sociais, possibilitando uma maior articulação e o fortalecimento das lutas. Até o momento foram realizadas três oficinas, duas na Região Metropolitana de Belo Horizonte e uma no Vale do Jequitinhonha. Pudemos perceber que os grupos que participam de cada oficina têm demandas e expectativas distintas, construindo, assim, um momento, estratégias e encaminhamentos específicos. Para além das oficinas e do Mapa, analisamos que a interface pesquisa e extensão se dá também nos momentos de pesquisa documental e entrevistas com os diversos atores, uma vez que coloca uma possibilidade de reflexão e questionamento da lógica hegemônica que gera conflitos e injustiças ambientais. Dessa forma, a reflexão sobre a relação pesquisa-extensão se apresenta necessária para que sejam explorados os potenciais dessa relação.

Palavras-chaves: conflito ambiental; justiça ambiental

Introdução

A idéia de uma possível harmonia entre os “interesses” econômicos, ecológicos e sociais ocupa papel chave no campo que recobre a noção hegemônica de “desenvolvimento sustentável”. Prevalece a crença de que os conflitos entre os diferentes segmentos da sociedade possam ser resolvidos através da “gestão” e do diálogo entre os atores, com a finalidade de se alcançar um “consenso”. Nessa perspectiva, os problemas ambientais e

¹ Agradecemos à FAPEMIG e ao CNPq pelos financiamentos dos projetos Mapa dos Conflitos Ambientais do Estado de Minas Gerais e Mapa Social dos Conflitos Ambientais do estado de Minas Gerais; e ao Programa Pólo de Integração do vale do Jequitinhonha da UFMG pelo apoio ao projeto Cidadania e Justiça Ambiental. Agradecemos ainda ao CACS, às PROGRAD-UFMG e ao GESTA pelo apoio financeiro que viabilizou nossa participação neste congresso.

sociais são entendidos como meras questões técnico-administrativas, passíveis, portanto, de negociações e da adoção de medidas mitigadoras e compensatórias (ZHOURI *et al.* 2005). Desse ponto de vista, os impactos da espacialização que o atual processo de acumulação de capital infringe aos territórios, suas condições naturais e populações seriam solucionáveis por meio da utilização de novas tecnologias e de um planejamento racional. O que subjaz a essa visão é a concepção do meio ambiente como uma realidade objetiva, como instância separada e externa às dinâmicas sociais e políticas da sociedade.

Contudo, da perspectiva teórica que orienta nossas atividades e este trabalho, situações comumente vistas como “problemas ambientais” originados pelo “desenvolvimento”, são compreendidas como “conflito ambiental”. O caráter conflituoso da situação se refere à forma como ela é objetivamente estruturada pelas relações entre as distintas e, não raro, mutuamente excludentes pretensões de uso e significados atribuídos por diferentes grupos sociais a um mesmo território em disputa e/ou a territórios ecologicamente interconectados. Nesse sentido, a noção dos *conflitos ambientais* extrapola as tentativas de resolução técnica e gerencial propostas pela concepção hegemônica e institucionalizada de desenvolvimento sustentável, pois o conflito evidencia a existência das diversas formas de se conceber e se interagir com o meio ambiente. Portanto, uma abordagem calcada na análise dos conflitos ambientais, deixa evidente as reais assimetrias de poder impressas nas dinâmicas sociais e políticas, o que possibilita reconhecer os múltiplos projetos de sociedade que acionam distintas matrizes de sustentabilidade.

A partir dessa concepção, o Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA), vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia da FAFICH/UFMG, vem, desde 2001, desenvolvendo pesquisa, ensino e extensão dedicados à compreensão dos conflitos inerentes às diferentes racionalidades, lógicas e processos de apropriação do território vigentes em nossa sociedade (ZHOURI *et al.* 2005). Esse trabalho tem sido desenvolvido de forma interdisciplinar, com uma equipe composta por professores, pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação das áreas de Antropologia, Sociologia, Geografia, Direito, Biologia e Ciências da Computação.

O núcleo tem privilegiado a interface entre pesquisa e extensão, procurando refletir sobre os processos hegemônicos de apropriação do território, ao mesmo tempo em que almeja uma ação transformadora no tocante à capacitação político-participativa de populações afetadas por lógicas excludentes de exploração da natureza.

As reflexões engendradas por diversas atividades² do grupo possibilitaram uma melhor compreensão dos conflitos e assimetrias produzidas pelos projetos hegemônicos de “desenvolvimento”. Isso nos levou a conceber e realizar a pesquisa, ainda em andamento, “Mapa dos Conflitos Ambientais do Estado de Minas Gerais”, com o objetivo principal de realizar uma cartografia dos conflitos ambientais decorrentes de uma apropriação assimétrica dos recursos naturais.

Essa pesquisa tem sido realizada a partir da análise da documentação em arquivos institucionais, o que permite a identificação das denúncias que foram encaminhadas aos Ministérios Públicos Federal e Estadual e/ou originaram procedimentos administrativos nos órgãos que compõem Sistema Estadual de Meio Ambiente (SISEMA).

Como muitos casos não são formalizados, procuramos, concomitantemente à pesquisa documental, compreender os conflitos a partir da perspectiva das populações e movimentos sociais que vivenciam em seus territórios práticas hegemônicas de apropriação do espaço. Assim, para efetivar a interface entre pesquisa e extensão, estão sendo realizadas oficinas com os movimentos sociais, entidades e comunidades das 12 mesorregiões do estado de Minas Gerais.

Este artigo tem por objetivo relatar tais experiências e explicitar sua importância, pois além de recolher informações para a construção do Mapa dos Conflitos Ambientais no Estado de Minas Gerais e apresentar instrumentos e subsídios para fortalecer as lutas dos participantes, as oficinas - ao estimularem a reflexão sobre a realidade vivenciada e proporcionarem a troca de saberes e experiências entre os próprios movimentos sociais e entre estes e os pesquisadores - são um espaço de articulação e fortalecimento das lutas em cada mesorregião.

Metodologia e desenvolvimento das oficinas

Os sujeitos convidados para participarem das oficinas são selecionados durante as visitas das equipes do GESTA e do NINJA³ às sedes das comarcas do Ministério Público para as pesquisas documentais. Nessas visitas, as pesquisas e entrevistas no Ministério

² Merecem destaque os projetos de extensão “Cidadania e Justiça Ambiental: participação popular em processos de licenciamento ambiental e desenvolvimento local” (PROEX), desenvolvido, desde 2002; e “Gestão dos Recursos Naturais e Geração de Renda no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais” (CNPq). Na área da pesquisa destaca-se “O Licenciamento Ambiental na Perspectiva das Ciências Sociais: os casos das hidrelétricas de Irapé, Aiuruoca, Capim Branco e Murta”, com o apoio da FAPEMIG e do CNPQ.

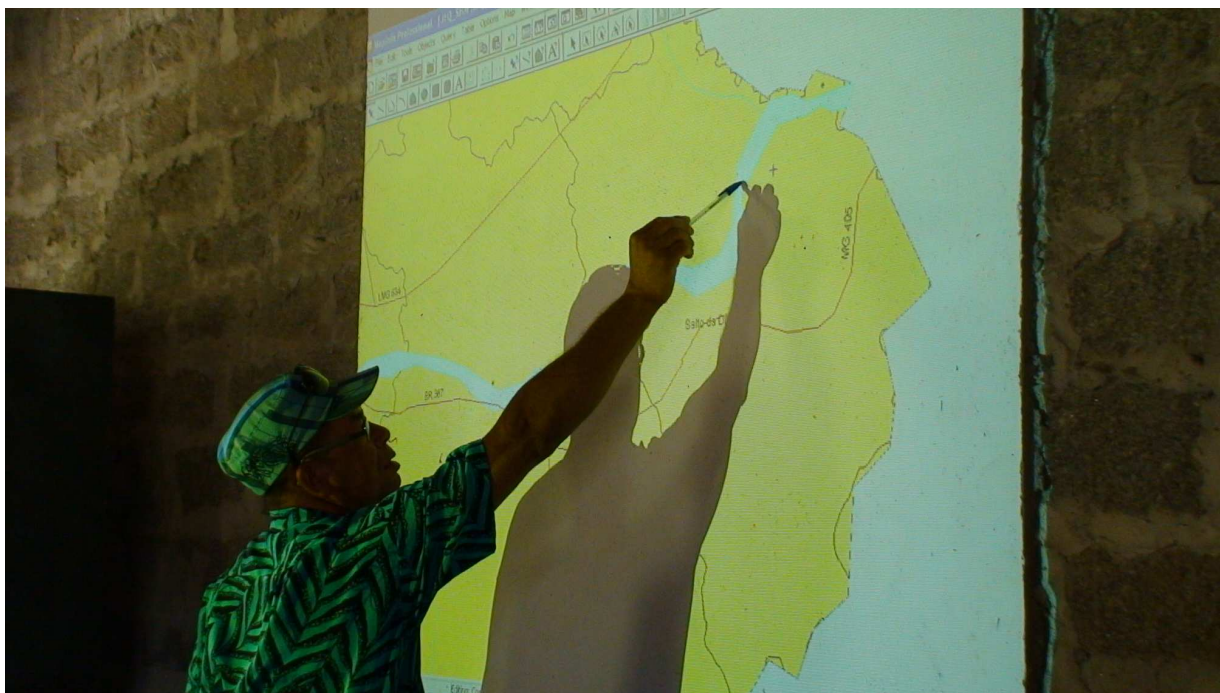
³ Núcleo de Investigações em Justiça Ambiental, institucionalmente vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São João Del Rey, com o qual foi estabelecida uma parceria para o mapeamento dos conflitos nas mesorregiões da Zona da Mata e Campo das Vertentes.

Público apontam casos e atores emblemáticos da comarca e da região pesquisada, que são contatados e convidados para participarem da oficina na mesorregião em que atuam. Procede-se, então, aos convites a estas entidades, quando os pesquisadores e extensionistas explicam a pesquisa e apresentam a proposta da oficina.

Até o momento foram realizadas três oficinas, duas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (ambas na Casa dos Romeiros na Serra da Piedade, município de Caeté-MG) e uma no Vale do Jequitinhonha (na escola Família Agrícola Bom Tempo, município de Itaobim).

As atividades de cada oficina são desenvolvidas durante dois dias. Durante este período, utilizamos uma metodologia participativa em que os atores locais se apresentam como agentes do mapeamento, considerando e registrando-se, portanto, a perspectiva dos segmentos marginalizados e vulneráveis aos riscos e danos resultantes do modelo de desenvolvimento vigente. Busca-se o diálogo com os sujeitos envolvidos em ações coletivas e estratégias de denúncia e mobilização para a identificação e o reconhecimento das situações-problema relativas ao uso desigual do meio ambiente nas localidades.

Em cada uma das oficinas apresentamos, então, o mapa da mesorregião, com algumas referências, como hidrografia, rodovias e limites dos municípios, para que os participantes localizem os casos nos quais estão envolvidos e façam um relato histórico do mesmo. Todos os casos são registrados no mapa e ao final dos relatos é construída uma tipologia dos conflitos e das lutas de forma conjunta entre os pesquisadores com os participantes das oficinas.



Pescador atingido pela Usina Hidrelétrica de Itapebi localiza o conflito no qual está envolvido

Outro momento da oficina consiste na apresentação, pela equipe do GESTA, de instrumentos e subsídios que possibilitem ampliar a participação nas esferas de decisão da política ambiental e fundiária do estado, apontando os momentos e etapas importantes da instalação de empreendimentos geradores de grandes impactos sociais e ambientais e os possíveis caminhos para resistência. Especificamente sobre o licenciamento ambiental, refletimos criticamente a respeito de suas falhas e os obstáculos impostos às comunidades, por exemplo, no acesso e compreensão da linguagem técnica e da lógica burocrática, que em geral inibem, muitas vezes até excluem, a participação efetiva de determinados grupos sociais, como comunidades tradicionais, assentados e acampados rurais, moradores de favelas, pequenos agricultores, associações comunitárias, grupos geralmente participam das oficinas.

Sobretudo neste momento da apresentação de estratégias, os pesquisadores desempenham papel de tradução e de intermediação, contribuindo para a aproximação das experiências locais com a diversidade de casos e situações identificadas em todo o estado. A equipe orienta as discussões, fornecendo elementos que permitam vislumbrar conexões entre os casos de conflitos ambientais identificados e os processos de desenvolvimento regional, estadual e nacional mais abrangentes.

Ocorre, assim, a fusão de saberes dos pesquisadores da equipe multidisciplinar com o conhecimento dos participantes, o que enriquece a última etapa da oficina, quando os

últimos, primeiramente em grupos e depois na plenária final, discutem e traçam pontos comuns, desafios, estratégias e possibilidades para suas lutas.

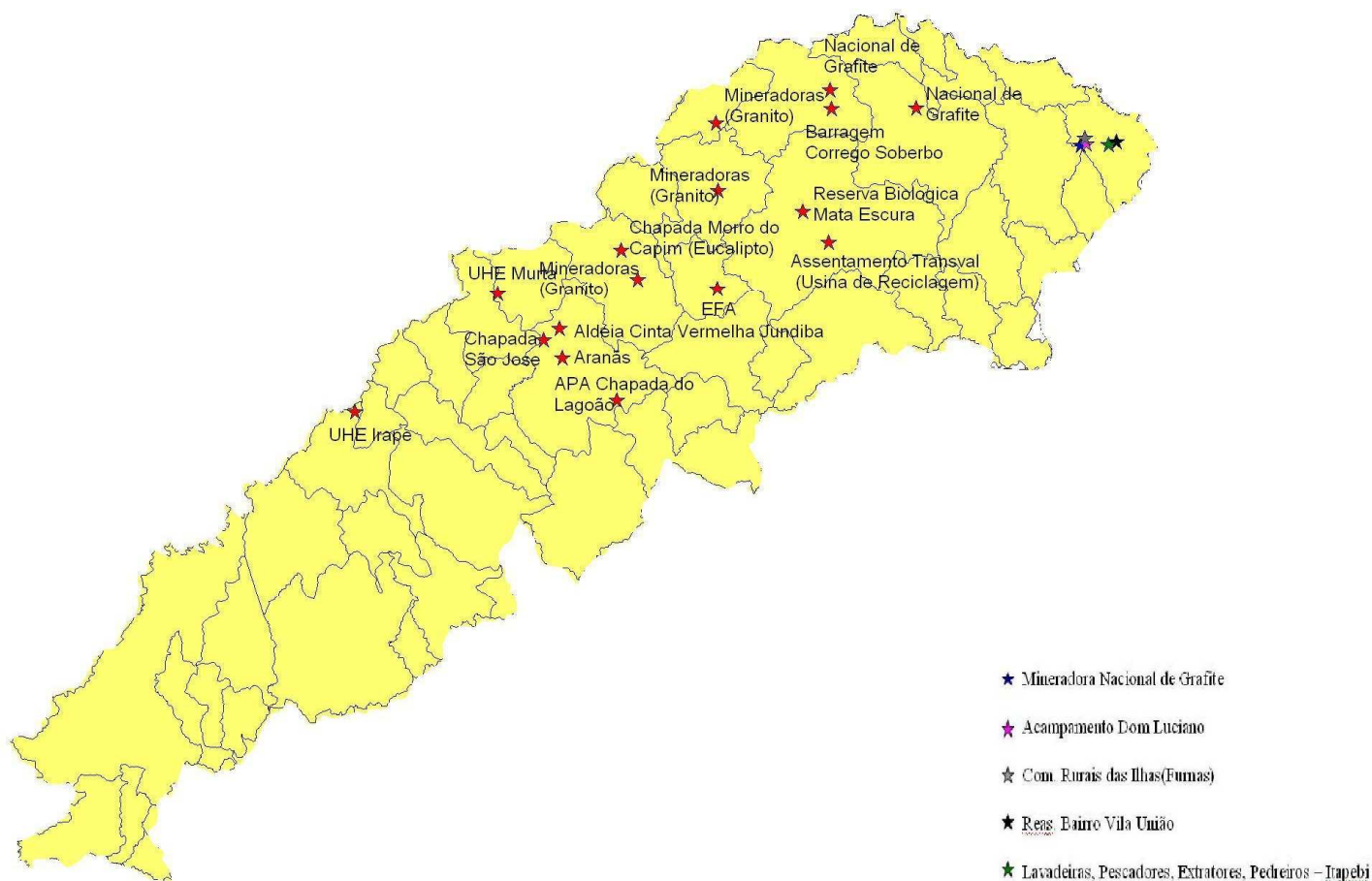


Momento da discussão em grupos na Oficina no Vale do Jequitinhonha

A seguir apresentaremos o mapa construído na oficina do Vale do Jequitinhonha, que ilustra as atividades realizadas e resultados.

Mapa dos conflitos ambientais construído na oficina no Vale do Jequitinhonha

A oficina no Vale do Jequitinhonha ocorreu durante os dias 06 e 07 de março de 2009 na escola Família Agrícola Bontempo, na cidade de Itaobim, no médio Jequitinhonha. Estavam presentes 24 pessoas, representando 18 entidades (Cáritas Jequitinhonha, CIMI Leste, Visão Mundial, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jequitinhonha, Itavale, Pastoral dos Migrantes, CPT, Cáritas Araçuaí, Comissão dos Atingidos pela barragem de Mutrta, ABITA, MST, AMAI, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Botumirim, Associação dos Pescadores de Salto da Divisa, Associação das lavadeiras de Salto da Divisa, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pedra Azul, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí, ACRUSALD, GADDH), das 27 entidades, movimentos e comunidades convidados. As entidades representadas construíram um mapa dos casos em que estão envolvidos, como mostra o mapa abaixo.



Mapa dos Conflitos da Mesorregião do Vale do Jequitinhonha construído na oficina

Apesar de um planejamento comum para as três oficinas, percebemos que os grupos que participam de cada uma têm demandas e expectativas distintas com relação à pesquisa, ao GESTA e com a própria oficina. Isso se deve também ao fato de os principais conflitos em cada mesorregião serem distintos. Por isso, o grupo de cada oficina constrói um momento, estratégias e encaminhamentos muito distintos e específicos.

Para que todos pudessem perceber a associação existente entre os conflitos, foi de grande importância a classificação dos mesmos através de uma tipologia construída juntamente com os pesquisadores, que mostrou os traços em comum e indicou possibilidades de troca e estratégias. Neste momento podemos, ainda, perceber as principais atividades geradoras de impactos e conflitos ambientais na região, os conflitos mais recorrentes estavam relacionados a barragens hidrelétricas, mineração, monocultura de eucalipto e demarcação territorial.

Tabela de classificação dos casos de conflito relatados na oficina da Mesorregião do Vale do Jequitinhonha⁴

Nome do Conflito	Município	Tipos de Conflitos
Lavadoras Pescadores, Extratores, Pedreiros - Itapebi	Salto da Divisa	Atingidos por Barragem (Itapebi)
UHE Murta	Coronel Murta, Virgem da Lapa, Berilo, Josenopolis	Luta contra Barragem Hidrelétrica
UHE Irapé	Virgem da Lapa, Botumirim, Leme do Prado, Grão Mogol, Turmalina	Resistência a Barragem e problemas com reassentamento
Acampamento Dom Luciano	Salto da Divisa	Reforma Agrária, Ameaçados por Projeto Barragens
Com. Rurais das Ilhas e Ribeirinhos	Salto da Divisa	Luta contra Projeto Barragem Hidrelétrica
Reassentamento Bairro Vila União	Salto da Divisa	Atingidos por Barragem (Itapebi)
Barragem do Córrego Soberbo	Pedra Azul	Resistência a Barragem de Abastecimento - Assoreamento S. Francisco
Mineradora Nac. Grafite	Salto da Divisa, Almenara, Pedra Azul	Luta Contra Mineração
Miradoras (Granito) Cinta Vermelha	Cel. Murta, Almenara, Medina, Comercinho, Itaobim, Itinga, Jequitinhonha	Luta contra mineração
Jundiba	Araçuaí	Luta Contra Mineração e Eucalipto, Poluição de rio
APA Chapada do Lagoão	Araçuaí	Luta contra Eucalipto, carvoarias e queimadas
Chapada Morro do Capim	Itinga	Luta contra Eucalipto, carvoarias, escravidão
Chapada São Jose	Araçuaí, Coronel Murta, Virgem da Lapa	Luta contra Eucalipto
Aranãs	Araçuaí, Cel. Murta e Virgem da Lapa	Luta contra a restrição territorial (IEF, IBAMA, INCRA, Fundação Palmares)
Reserva Biológica Mata Escura	Jequitinhonha	Disputa espacial
EFA	Itaobim	Disputa espacial
Ass. Transval	Jequitinhonha	Resistência a Eucalipto, Lixão e Emater

Fonte: Oficina Cidadania e Justiça Ambiental do Vale do Jequitinhonha

⁴ Os conflitos grifados de verde claro são os relacionados a barragens; os de azul relacionados a mineração; os de verde escuro relacionados a monoculturas; os de laranja relacionados a demarcação territorial e espacial; e os de rosa relacionados a monocultura, destinação de resíduos sólidos e demarcação territorial.

É importante ressaltar que a oficina não se reduziu aos momentos de relatos e discussão de estratégias, pois os participantes e pesquisadores ficaram juntos nas dependências da Escola Família Agrícola em todos os momentos dos dois dias, durante as refeições, dormindo em quartos coletivos, o que intensificou a convivência e aumentou as oportunidades de troca.

As especificidades revelam uma heterogeneidade e uma riqueza de experiências. Em todas as oficinas ficou evidente o desejo de que as discussões, reflexões e o próprio grupo que se formava naquele momento não se esgotassem ali. As estratégias utilizadas para que isso não ocorresse foi a criação de grupos virtuais, o contato entre os participantes nos momentos importantes da cada luta e o fortalecimento de espaços de articulação já existentes nas regiões. O receio de que as discussões feitas se restringissem apenas às oficinas, assim como o desejo de uma maior articulação fica evidente na fala de um participante da oficina da mesorregião do vale do Jequitinhonha.

(...) a gente vai continuar isolados nos nossos municípios? Porque todo encontra acontece isso, a gente faz isso ali [se referindo às discussões registradas]. Esse é o grande problema nosso, é a grande angústia nossa (...) Nós construímos essas propostas e fica no papel, a gente não consegue avançar. (representante da Cáritas Jequitinhonha participante da oficina no Vale do Jequitinhonha)

Considerações finais

Um das principais contribuições que o GESTA tem dado às oficinas é a apresentação e a discussão de categorias, como Justiça ambiental e Conflito Ambiental, que são incorporadas pelos participantes. Essas categorias permitem uma reflexão a cerca das causas comuns geradoras de injustiças ambientais e sociais, o que aproxima lutas distintas e articula movimentos isolados.

Para o GESTA, o diálogo dos pesquisadores, tanto ao longo da pesquisa documental - com os técnicos de instituições públicas e promotores - quanto durante as oficinas - com sujeitos que resistem a injustiças ambientais - revelam a situação de graves e inúmeras injustiças ambientais existentes no estado. A obtenção de informações de diversas fontes (Ministério Público, FEAM, Secretarias de Meio Ambiente, técnicos de instituições públicas e oficinas) e o cruzamento delas nos revelam distintas formas de perceber uma mesma situação, um mesmo espaço e de projetar o futuro, assim como evidenciam as assimetrias para a imposição dessas percepções e projetos.

A oportunidade de perceber tais diferenças e assimetrias nos sinaliza a estreita relação entre pesquisa e extensão, uma vez que, além das oficinas, o produto final da pesquisa pretende contribuir para as lutas dos grupos sociais mais fragilizados politicamente.

Pesquisa ainda em andamento

O CD interativo, produto final, será composto pelas informações obtidas ao longo da pesquisa documental e das oficinas e será divulgado e discutido junto aos atores envolvidos com a questão ambiental nas mesorregiões (movimentos sociais, ONGs, representantes de organizações de trabalhadores e do empresariado, pesquisadores, gestores públicos etc.), fornecendo instrumentos para a elaboração e execução de políticas públicas voltadas para a sustentabilidade e para a democratização da apropriação dos territórios e condições naturais mineiros. Após a confecção do CD serão realizados workshops em mesorregiões estratégicas do estado para apresentá-lo aos movimentos sociais, comunidades locais, para que ele possa ser mais um instrumento de luta.

Desse modo, um mapeamento dos conflitos ambientais que apresenta as diferentes percepções e estratégias dos distintos atores envolvidos, tem proporcionado que as “vozes” das populações política e economicamente fragilizadas, geralmente, ausentes de processos, atas, laudos, relatórios e documentos oficiais, possam ser mais ouvidas, com a intenção de modificar a atual situação de injustiça ambiental vigentes no estado de Minas Gerais.

Referências Bibliográficas:

ACSELRAD, Henri. *As Práticas Espaciais e o Campo dos conflitos Ambientais*. In: ACSELRAD, Henri (org) *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 2004.

_____. *Justiça Ambiental. Ação Coletiva e Estratégias Argumentativas*. In:

ACSELRAD, H; HERCULANO, S. e PÁDUA, J.A (Orgs.). *Justiça Ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro. Ed. Relume-Dumará, 2004.

_____. (org.). *A Duração das Cidades. Sustentabilidade e Risco nas Políticas*

_____. ACSELRAD, H. & LEROY, J.P. (Org.) (2006) Mapa dos Conflitos Ambientais no Estado do Rio de Janeiro. IPPUR/UFRJ e BSD/FASE, Rio de Janeiro - Disponível em CD-ROOM.

CARNEIRO, E.J. (2006) As Estratégias dos Denunciantes. In. ACSELRAD, H. & LEROY, J.P. (Org.) (2006) Mapa dos Conflitos Ambientais no Estado do Rio de Janeiro. IPPUR/UFRJ e BSD/FASE, Rio de Janeiro, 12p. - Disponível em CD-ROOM.

BOURDIEU, Pierre, *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993[1977].

CARNEIRO, Eder Jurandir. *Modernização Recuperadora e o Campo da Política Ambiental em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Tese doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política (UFMG), 2003.

MARTINEZ-ALIER, J. (1999). *Justiça Ambiental (local e global)*. In. CAVALCANTI, Clóvis (Org.) *Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas*. Cortez: São Paulo.

ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens; PEREIRA, Doralice. Desenvolvimento, Sustentabilidade e Conflitos Socioambientais In: ZHOURI, Andréa; PERREIRA, Doralice.; LASCHFSKI, Klemens (orgs). *A Insustentável Leveza da Política Ambiental – Desenvolvimento e Conflitos Sócioambientais* 1^oed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.